

PRÁTICAS DE LEITURA E A FORMAÇÃO DO LEITOR: O CONTATO COM O TEXTO LITERÁRIO ALÉM DA SALA DE AULA

Karina Torres Machado – Doutoranda do Curso PPGLetras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - MS¹

Contatos: ka_torresm@yahoo.com.br

RESUMO

Este trabalho observa os princípios de pesquisa-ação e nosso referencial teórico segue a abordagem proposta por Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira de Aguiar (1988). No âmbito da escolarização da literatura, o planejamento, a seleção literária e a aplicação dos cinco métodos propostos por Bordini e Aguiar se mostram proficientes para promover a leitura. Acreditamos, baseados nas leituras de Joana Cavalcanti (2014) e de Ligia Cademartori (2012), que, para que a leitura seja percebida como ato de recepção, ela deve figurar além de projetos que contemplem algumas aulas semanais, com foco em temas ou conteúdos, sendo, antes de tudo, notada em todos os espaços escolares, geradores de uma simbologia que perturba, humaniza e transforma. Este artigo apresenta práticas que concedem, ao texto literário, o lugar de protagonista da ação escolar, concebido como objeto de desconstrução da realidade e meio de apreensão do sujeito e do mundo. O texto literário, neste cenário, oportuniza choque urgente e necessário com o mundo, para contínua descoberta do outro, de si e de novas formas de viver. A criação de um espaço reestruturado, em que os alunos possam vivenciar experiências com o texto literário é o caminho para estabelecer o prazer de ler, impulsionando-os a agir crítica e ativamente. A vivência com a leitura, construída pela atmosfera pungente do contato com a palavra, com práticas de leitura literária, cria novas ordens pelo simbólico oferecidas na ação de ler, e transfigura o estudante pela capacidade de desdobrar o olhar do individual para o universal.

Palavras-chave: Práticas de leitura, Formação de leitores, Espaços escolares.

INTRODUÇÃO

Na procura por caminhos para despertar o gosto pela leitura e de oportunizar momentos significativos de diálogo com o texto literário em sala de aula, a dissertação que realizamos entre 2013 e 2015 revelou que é imprescindível o professor ser um leitor, um sujeito facilitador que possui a concepção do caráter lúdico, da caráter lúdico, da dimensão transformadora e prazerosa da leitura, não apenas um decodificador do código linguístico, transmissor das obras aprendidas e, às vezes, nunca lidas.²

A postura do professor, mediador do processo educacional, reflete, muitas vezes, as imposições de um sistema que é, em seu cerne, repetitivo, passivo e arraigado a práticas

¹ Doutoranda pelo PPGLetras, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas. Currículum lattes: <http://lattes.cnpq.br/5602046577690500>

²MACHADO, Karina Torres. **Literatura, Escolarização e Práticas de Ensino: a recepção de contos de Luiz Vilela no Ensino Fundamental**. Três Lagoas, 2015, 427fls. (Dissertação de Mestrado – Orientador: Prof. Dr. Rauer Ribeiro Rodrigues) – PROFLETRAS/CPTL/UFMS.

estanques, em que o diverso é visto como perturbador ao sistema e o novo como adversário implacável. O acesso ao texto, o contato com o texto literário e as práticas de leitura estão, nesse contexto, a serviço do sistema, do conteúdo e da constante busca pela interdisciplinaridade entre as disciplinas. Tais ações e pensamentos corroboram as vivências e as práticas de uma sociedade utilitarista que há anos se fortalece, suprimindo dos sujeitos sociais sua capacidade imaginativa, onírica, poética, criadora, narrativa e, desta forma, corrompe aos poucos o sistema simbólico e lúdico que os habita. Nesse cenário, interpretar, observar, escutar, narrar histórias passa a ser um hábito dificultoso e escasso, uma vez que os indivíduos sociais estão habituados a receber todas as informações processadas, diluídas e prontas.

Diante disso, como engajar os estudantes em práticas significativas de leitura? Como oportunizar momentos prazerosos com o texto? Como encontrar tempo para atualizar as leituras? Como resgatar o gosto de narrar, de observar, de criar mundos e perspectivas para a sociedade e para a sua própria vida?

A aplicação da pesquisa-ação **Literatura, Escolarização e Práticas de Ensino: a recepção de contos de Luiz Vilela no Ensino Fundamental** (MACHADO, 2015) respondeu algumas destas perguntas, ao mostrar que é possível relacionar os conteúdos curriculares com projetos de leitura, por meio da seleção de textos que reflitam temáticas pertinentes e condizentes às expectativas dos alunos. Revelou, também, a importância de possibilitar aos alunos a leitura individual da obra, com momentos de socialização, de interconexão com outras esferas artísticas, juntamente com a provocação, com a desconstrução de temas apreendidos e internalizados pela vida em sociedade e pelo senso comum.

O trabalho com as práticas de leitura foi também significativo por ressaltar a carência das experiências simbólicas e narrativas dos estudantes e, sendo assim, o quanto professor e unidade escolar precisam se reciclar para dispor aos discentes momentos e vivências de leitura que transponham o cenário da sala de aula, imergindo-os em uma atmosfera de leitura refletida em todos os espaços educacionais – e, por que não?, nos perguntamos, em todos os espaços vitais.

A observação da fragilidade e da deficiência dos alunos em compreender, interpretar e, assim, querer navegar nas páginas dos livros advém da falta de referências, de metáforas, de símbolos, da carência que resulta em uma inexpressividade comunicativa, visto que não foram estimulados a questionar, a ponderar, pelo contrário, estão habituados à passividade telespectadora do ensino e da vida. Diante dessa condição, arremessá-los ao encontro do universo simbólico presente no texto, expô-los às metáforas, ao maravilhoso, ao transgressor

presente na literatura para possibilitar o acesso a vida por meio do viés artístico torna-se tarefa, embora inicialmente dificultosa, tida como enfadonha, necessária e urgente.

O presente artigo visa apresentar práticas de leitura em que a ação do professor e da escola estejam além das obrigatoriedades do currículo ou das aulas – quando as há – destinadas à leitura. Procuramos, a partir de pesquisa-ação realizada, sintetizar de modo propositivo as conclusões a que chegamos. Desse modo, elencamos propostas em que a redefinição do espaço escolar assinala uma imersão, uma exposição a uma atmosfera leitora capaz de propiciar vivências de leitura desconcertantes, enriquecedoras e sugestivas. Para isso, a leitura desvencilha-se de seu caráter utilitarista, bem como o ensino, e a proposta passa a conceber o ato de ler como percepção do eu e do mundo, necessidade e desejo, sentimento e estímulo que preenchem vazios, anseios, constituindo-se ação libertária para uma existência mais perceptiva e participativa. Como afirma Joana Cavalcanti, “[l]er tem que ser algo desejado, algo que faça tanta falta como o pão para a boca. Porque o progresso da sociedade faz-se quando um povo sabe ler e, mais do que isso, quando ele deseja ler” (CAVALCANTI, 2014, p. 8).

ESCOLA – UM ESPAÇO DE REVELAÇÃO DO EU E DO MUNDO POR MEIO DA LEITURA

É notória e perceptível a observação de que a sociedade ao longo dos anos foi transformando alguns de seus valores, de suas ações e de suas atitudes, sendo importante questionar como tais alterações afetaram hábitos e, principalmente, nossa relação com a leitura, com a oralidade e com a narratividade.

Na história da humanidade, a oralidade, a escrita e a narrativa caminharam paralelamente como forma de explicar e dar sentido a existência humana. Assim, o homem passou de uma sociedade que inventava mitos e lendas como forma de representar e de explicar os acontecimentos naturais vividos, para uma sociedade receptiva da informação massificada pelos meios de comunicação.

Nesse percurso, a relação humana com o simbólico foi imprescindível para que o homem conseguisse imaginar, delinear novas prerrogativas para a vida terrena e transpor o mundo primitivo. No entanto, atualmente, o simbólico trava uma batalha com os recursos tecnológicos e com os meios de comunicação de massa para continuar sua saga, a fim de permitir que o ser humano seja um agente de sua própria história, fantasiando, criando e fabulando novos caminhos para si e para a cultura. Embate que, inicialmente, pode soar como

desleal, uma vez que a praticidade de informação e a rapidez com que os acontecimentos chegam ao sujeito vão aos poucos o desvinculando de sua capacidade de fabular, fantasiar, criar e narrar. Não soa estranho, assim, compreender o porquê, nesse cenário, as habilidades interpretativas e até as perspectivas de vida dos sujeitos estejam tão limitadas e presas ao hoje, ao agora.

No entanto, as ações educacionais, que hoje se voltam para a formação do aluno, com a educação integral, podem, por meio de suas práticas, resgatar a dimensão simbólica dos alunos ao propiciar uma vivência cultural e leitora que desperte o desejo de romper as lacunas existentes, pois “[o] ser apreende pelo corpo sensível, perceptivo e cognitivo para depois transformar o capturado pelos diversos sentidos em informação que significa não objeto em si, mas a representação do que o sujeito sente, olha e percebe da ‘coisa real’.” (CAVALCANTI, 2014, p. 21).

A criação de um universo simbólico nos espaços escolares, a fim de redimensionar o olhar para novas formas de comunicação capazes de desdobrar, desconstruir, lapidar o olhar para um vir-a-ser mais envolvente e desejado pode ocorrer por meio da exposição de trabalhos, de cantos de leitura, da distribuição de jogos e de livros pelos corredores e pátios da escola, da biblioteca vista como organismo vivo e pulsante dentro da unidade escolar, com suas portas sempre abertas, pela contação e narração de histórias pelos professores em diversos contextos.

Nesse sentido, torna-se “fundamental realçar toda a forma de expressão que tem como objetivo ampliar a visão de mundo da criança, resgatando-lhe um sentido de vida maior, no qual ela possa sentir-se valorizada e estimulada a buscar outros graus de maturidade espiritual” (CAVALCANTI, 2014, p. 12).

A literatura, o texto literário,

apropriando-se do simbólico [...] é a expressão artística que serve como meio de catarse e sublimação para os anseios, as angústias, conflitos e buscas do homem. Faz, então, emergir uma liberdade de espírito [...] sem o compromisso da culpa. Mas, está para além da catarse e da sublimação, porque é capaz de tornar-se a própria vida. (CAVALCANTI, 2014, p. 12).

E, assim, representando a própria metáfora da vida e do homem, instituindo novas prerrogativas para a existência humana, fantasiando, narrando e fabulando novos mundos, a leitura aparece para as crianças como

visão do mundo sentido, antes de explicado; do mundo ainda em estado mágico. Ainda mal acordada para a realidade da vida, é por essa ponte do sonho que a criança caminha, tonta do nascimento, na paisagem do seu próprio mistério. Essa pedagogia secular, explica-lhe, em forma poética, fluida, com as incertezas tão sugestivas do empirismo, o ambiente que a rodeia, - seus habitantes, seu comportamento, sua auréola. (MEIRELES, 2016, p. 50).

Apresentar aos alunos que a compreensão e a identificação do sujeito com o mundo também podem ser aprendidas por meio da contação e leitura de histórias, pelo diálogo com o outro e não apenas pela televisão, séries e filmes é um dos caminhos que a escola e o professor devem desenvolver ao longo do percurso escolar do estudante.

Ao aumentar a representação do mundo da linguagem, da palavra, do ofício de contar histórias e de narrar lendas e mitos criamos possibilidades de preencher as lacunas, os desejos existenciais dos sujeitos, e instigamos a curiosidade para novas descobertas advindas da palavra. Aos poucos, a efervescência do faz de conta, dos heróis, da vida contida nas ações dos personagens ganham forma e sentido para os alunos e, por meio delas, podem enriquecer seu repertório cultural, social e pessoal, além de delimitar novas conquistas e carências a serem superadas nas páginas lidas.

A escola, ao construir espaços significativos para a palavra, para o texto e, conseqüentemente, para a tessitura da vida, desenvolve a percepção de que os livros e as histórias contadas são elementares para nossa constituição enquanto seres humanos: somos constituídos e representados por palavras, de tal modo que

[n]arramos, sobretudo, para nos salvar pela palavra da nossa condição lacunar, faltosa e incompleta. Comunicar o visto, o sentido e interpretado é, também, uma forma de dizer de nós e representar para o outro e por conseguinte dar sentido à vida. A palavra é mesmo o elemento fundamental para a construção de sentidos e significados que vão ao longo da nossa experiência humana intensificando o nosso mergulho no sujeito, na história, na cultura e na arte. (CAVALCANTI, 2014, p. 23).

O ambiente escolar contagiado pelo poder transformador da palavra saberá como elaborar caminhos para a transposição da passividade das ações educacionais para despertar a paixão e o entusiasmo em seus estudantes, por meio do universo simbólico contido na literatura, lembrando-se de que não é “aplicando regras didáticas que despertaremos a fruição da literatura” (CADEMARTORI, 2012, p. 13).

Nesse sentido, e pensando em tais conceitos, é que as aspirações dos professores e da escola passam a ser sentidas pelos estudantes e a reação direta a isso é uma comunidade que desfruta da leitura como entrada ao mundo mágico de todos nós. A palavra e o livro devem contaminar o ambiente educacional, despertando leitores “que passarão a desfrutar intensamente a leitura e assim se tornarão capazes de formar leitores que, eles também, desfrutem intensamente a leitura” (CADEMARTORI, 2012, p. 13).

Talvez este seja o caminho para driblar a incomunicabilidade humana que permeia a era da informação do século XXI, uma vez que, pelo contato com o texto, o leitor tem a

possibilidade de interpretar, entrever, espiar, conjecturar, ressignificar o visto e transformar o apreendido.

A visão da importância da leitura em uma unidade escolar deve ser a mesma com que Blanchot concebeu a arte:

[r]eal: eficaz. Não um instante de sonho, um puro sorriso interior, mas uma ação realizada que é ela mesma atuante, que informa ou desinforma os outros, os atrai, os agita, os comove, os impele e a outras ações que, na maioria das vezes, não retornam à arte mas pertencem ao curso do mundo, ajudam a história e, assim, perdem-se talvez na história mas nela se reencontram, finalmente, na liberdade convertida em obra concreta: o mundo, o mundo convertido no todo do mundo. (BLANCHOT, 2011, p. 231).

Diante de tais apontamentos, para que novos leitores se formem é necessário vencer a escolarização monótona da leitura e da literatura nos ambientes educacionais, desmistificando as imposições e estagnações do sistema, pois, como afirma Mário de Andrade, “[E]m arte: escola = imbecialidade de muitos para vaidade dum só” (1966, p. 32); assim sendo, para uma redefinição do próprio homem, que “vive e se move entre palavras, ora fortalecendo, ora atenuando o vínculo destes dois mundos: o original dos seres e o simbólico da linguagem” (LAJOLO, 2018, p. 46).

O que precisamos, de nosso lado, é promover esse encontro, não permitindo que o ser permanece dissociado do simbólico, que cada vez se afaste mais do domínio pleno da linguagem, da fruição da língua na sua manifestação de maior vigor, intensidade, altitude e simbolismo, o que se cristaliza na literatura.

A seguir, apresentamos como isso se realizou em nossa pesquisa.

ESCOLA E LITERATURA: O ESPAÇO DE ENCONTRO DO TUMULTO DA VIDA

A pesquisa-ação realizada em 2015, além de verificar a vigência das alternativas metodológicas propostas por Bordini e Aguiar (1993), pontuou novos olhares para a nossa concepção da leitura no ambiente escolar.

Uma das ressalvas apresentadas com relação à leitura foi a necessidade de ser concebida no ambiente escolar como ação dialógica, mediada pela oralidade e pelos gêneros textuais – neste ambiente curricular e normativo, optamos por conceber o texto literário como “instrumento de integração do sujeito ao meio, [...] conduzindo-o a refletir sobre a realidade, posicionando-se criticamente diante da mesma” (AGUIAR, 1982, p. 87). Assim, a inserção do texto literário nas aulas de língua portuguesa, permeada por projetos que complementavam o

currículo e as propostas oficiais, permitiu aos estudantes perceber a intrínseca relação dos textos com a vida e com a visão de coletividade. Mostrou que as criações ficcionais e o ato de ler representam uma produção de sentidos que, por meio do diálogo, nos conecta ao passado e o presentifica ao envolver e integrar leitor, autor, texto e contexto.

Entretanto, o processo de desvelamento do texto não pode reduzir-se a práticas de leitura pontuais que visem a um fim específico, deve ir além, deve promover o desejo, quer dizer, despertar no estudante a vontade e o querer ler, a partir de seus interesses, a fim de suprir suas vontades, receios, inquietações, mergulhar e navegar nas páginas do mundo e de si mesmo. Como afirma Manguel, “ler é cumulativo e avança em progressão geométrica: cada leitura nova baseia-se no que o leitor leu antes” (MANGUEL, 1997, p. 33).

O contato com o texto deve promover uma experiência de leitura em que o debruçar-se sobre a palavra signifique desvelar a própria linguagem humana nas linhas e nas entrelinhas do texto. Nesse sentido, a análise das obras literárias e os projetos de leitura planejados devem continuar a ser meios, caminhos de acesso às obras, e não fins em si mesmos, como afirma Todorov (2010, p. 90).

A redistribuição do espaço escolar como um organismo vivo, pensado em torno de uma atmosfera leitora das diversas linguagens existentes, permite a imersão em uma experiência artística, atualizada na interação das leituras individuais, realizadas pelos estudantes pelo simples ato de ler, olhar, dialogar, ativando suas instâncias significativas, ampliando seu repertório simbólico e transpondo-o.

À escola e aos professores importa, nesse cenário, oferecer sua paixão pela leitura aos alunos; assim fizemos, mediando nosso planejamento pelas rodas de leitura, dramatizações, baú de histórias, apreciação de obras artísticas, rodas de dança, de canto, saraus, momentos de socialização e de indicação de obras, em aulas que transpunham o caráter disciplinar, conteudístico, restrito ao espaço da sala de aula, oportunizando uma vivência em palavra, em linguagem, em leitura. Modificamos a dinâmica do tempo-espaço escolar e a leitura literária tornou-se atitude cotidiana para os alunos.

Assim como na obra de Jones (2007), O Sr. Pip, os alunos, diante de tamanha exposição artística, descobriram “um refúgio mental para se evadirem do inexplicável conflito que os oprim[e]” (CADEMARTORI, 2012, p. 20). O universo paralelo percebido e sentido pelos novos olhares despertaram a consciência e a consistência capaz de levá-los a outras leituras, sendo passaporte para o ingresso em terras alheias, em mundos inabitados, em realidades opostas, em uma aterrissagem para dentro de si.

Os estudantes, envolvidos em tal cenário, vivenciaram o alargamento de seus horizontes e experimentaram a liberdade do pensamento, geradora do conhecimento e da compreensão de que ao ler uma obra são também leitores da própria vida. É justamente o resgate dos processos de reimaginar, de reinventar, de (des)construir o mundo, ocasionados pelo tumulto da literatura, da arte, que transformou e sensibilizou os alunos na busca por uma realidade mais significativa. O amplo universo de expectativas que assim surgiu lhes evidenciou que a magia das palavras não se resume apenas ao *locus* do ter, imposto pelo utilitarismo, pelo capitalismo, mas ao do ser, sensível, reproduzidor, também criador do espetáculo da vida.

A veiculação da leitura como ação inerente a existência humana propiciou a interpretação do sentir, do olhar o outro em nós pelo viés da reflexão, do questionamento, dos preenchimentos lacunares que habitam em nós.

Confirma-se, assim, que o texto literário “não é somente metáfora do real, mas também do existir presentificado pela linguagem, por isso, transgride, rompe, revela, multiplica e (re-)significa” (CAVALCANTI, 2014, p. 37).

Provocado pelo afeto, pela sensibilidade ocasionada, o gosto pela leitura pode levar o homem a reencontrar a memória perdida, repensar suas frustrações e retirá-lo do desencanto que o avassala diante da Era Virtual. Ao desconstruir a realidade, liberta-se para interpretar a própria história; ao relacionar-se com o outro, conjectura, pelo diálogo, pela oralidade, novas narrativas; ao completar-se na palavra, livra-se do invólucro, do vazio que o habita – eis o poder do ato de ler, do fabular, do narrar.

Ao priorizar a ação de desconstruir e não a de conceituar é que a escola e os sujeitos envolvidos na ação educacional provocarão os estudantes a buscarem novas ordens, novas representatividades, analisarem as diferenças, lidarem com o desconhecido, encantarem-se com o novo, transpondo a bolha dos padrões e preceitos sociais vigentes.

A escola, no cenário apresentado, passa a ser um local multissemiótico, lúdico, criativo, inventivo, simbiótico, um laboratório de discussões plurais em que o clima de prazer passa a ser sinônimo de sentido para a vida. É necessário, portanto, que este ambiente provocador e instigante não se materialize somente no final de um ano letivo com apresentações, feiras de ciência, mostra de arte da escola, mas que permeie todo o ano letivo, pela parceria entre os professores, entre as áreas de ensino, entre a escola e a comunidade.

Como pontua Cavalcanti,

[a] escola transformadora não envidraça, ao contrário disso deve promover o sentido de liberdade de expressão, busca do prazer estético, gosto pela leitura, criação de espaços para a valorização do lúdico, enfim deve ser um campo fértil para a

valorização da interdisciplinaridade e pluralidade do olhar sobre o mundo. (CAVALCANTI, 2014, p. 81).

Desta forma, na escola transformadora

[h]averá lugar para a emergência da singularidade, como também das individualidades que se unem em favor do coletivo. Na escola transformada haverá espaço para o onírico e para o poético, portanto para a alma. Por mais que nos pareça impossível, haverá lugar para o sonho e para o surgimento de um leitor simbólico que lê o implícito, mergulha no vazio das palavras para buscar seu próprio sentido. Que lê com o corpo e com o espírito, por isso transforma. (CAVALCANTI, 2014, p. 81).

A união dos elementos estruturantes da escola, movidos pela busca de um vir-a-ser mais significativo, é o fator responsável por, além de despertar o prazer de ler como sentido para a vida, promover o protagonismo, a reflexão, a crítica, o questionamento nos sujeitos envolvidos, humanizá-los ao transformar sua existência em novos caminhos e simbolismos.

CAMINHOS PARA DESPERTAR O IMAGINÁRIO COLETIVO NO ESPAÇO ESCOLAR

Em nossa pesquisa-ação (MACHADO, 2015), como forma de inserir práticas de leituras mais significativas, articulamos cinco alternativas metodológicas de ensino com os contos de Luiz Vilela para aprofundar os conteúdos determinados para o 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola estadual no interior do Estado de São Paulo. Foi pesquisa-ação motivadora tanto para os alunos quanto para mim por revelar a possibilidade de resgatar o gosto pela leitura e por vislumbrar novos paradigmas e inquietações.

Heloíza Moreno³, em pesquisa recente, pontuou como o trabalho com o método recepcional, com um 6º ano dos Anos Finais do Ensino Fundamental, é capaz de promover o letramento e formar leitores proficientes. Além de melhorar questões lexicais, morfológicas, semânticas e sintáticas dos alunos. No entanto, assim como na referida pesquisa de 2015, observou os entraves envolvendo a relutância da unidade escolar e dos professores para novas práticas:

³ MORENO, Heloíza de Souza. *A literatura no centro do ensino da língua materna: superando defasagens e avançando na aprendizagem*. Três Lagoas, 2020, 176 fls. (Dissertação de Mestrado - Orientador: Prof. Dr. Rauer Ribeiro Rodrigues) - PROFLETRAS/CPTL/UFMS. Veja também: RODRIGUES, Rauer Ribeiro; MORENO, Heloíza de Souza. *A literatura no centro do ensino da língua materna: superando defasagens e avançando na aprendizagem*. In: RODRIGUES, Rauer Ribeiro; SANTOS, Rita de Cássia Silva Dionísio; SOUZA, Eunice Prudenciano de. *E agora, José?* Uberlândia, MG: Pangeia, 2019. p. 172-207. [Projeto de Pesquisa]. (Livro disponível em < <https://editorapangeia.com.br/product/e-agora-jose/> >).

[a]ssim, também chegamos a uma lamentável conclusão: a literatura perde espaço. Ocupa ainda os livros escolares, o discurso e a biblioteca, mas não cumpre com sua finalidade de ser livre e libertar. Está prisioneira de interpretações, estudo de vocabulário e fins moralizantes e disciplinadores — logo ela, tão indisciplinada. (MORENO, 2020, p. 144).

Visando romper tais concepções, apresentamos algumas atividades que podem ser realizadas pelas unidades escolares para promover uma escola viva, pulsante e envolta na atmosfera de leitura. Não temos a pretensão de determinar práticas de leitura como finalidades de ensino, mas expor atividades com a palavra, com a linguagem e com o texto literário que, planejadas e adequadas a cada contexto, podem desenvolver sensibilidades, aumentar os horizontes dos alunos e fazê-los emergir como sujeito desses infinitos universos abordados pela leitura. As sugestões descritas são exemplos de ações feitas nas diversas escolas pelas quais passei, bem como de leituras sobre o tema.

Como forma de resgatar a oralidade, que é “sabedoria falada que é o ornamento do homem simples, unido à Natureza e aos seus antepassados” (MEIRELES, 2016, p. 51), a criação de murais informativos, com destaque para os jornais estaduais e municipais diários, é ação que propicia a curiosidade dos alunos, pela conversa sobre os fatos, dúvidas sobre temas, sentimentos de contestação, socializações pertinentes e assimilações com os conhecimentos de várias disciplinas. O trabalho conjunto dos professores, instigando os estudantes, sobre as notícias e matérias em destaque, abre espaços reflexivos e necessários, aumentando a percepção das intencionalidades comunicativas presentes nos textos e permite a atualização com os acontecimentos mundiais para uma postura mais ativa na sociedade.

Uma ação bastante aceita e requerida dos alunos é a leitura de fruição realizada por todos os professores no início das aulas ou em momentos combinados pela escola – trata-se de uma oportunidade para estimular o gosto de ler tanto nos alunos quanto nos docentes, visto estarem em contato com diversos títulos, narrando, diariamente, aos alunos, os mais variados enredos. A experiência de leitura criada em espaços e tempos específicos, atualiza, integra leitor e texto, revelando que a leitura “é um gesto individual ou coletivo, dependente das formas de sociabilidades, das representações do saber [...] das concepções de individualidades” (CHARTIER, 2004, p. 173), dos encontros significativos gerados pelas hipóteses, estratégias, objetivos, adotados em cada momento. As elaborações de espaços como este, do professor em contato com o texto, podem constituir a mudança atitudinal em relação à leitura que tantos almejam, pois, assim como os alunos, os docentes também podem ter passado por várias formações teóricas em que o ato de ler fosse mais uma imposição obrigatória – e tão só uma obrigação, vazia de significado – para cumprir as exigências do semestre.

Outra forma de inserir os estudantes em práticas mais engajadas de arte e cultura é a criação de uma rádio escolar, gerenciada pelos alunos, atuante nas entradas, intervalos e saídas, como meio de divulgação de pesquisas, de curiosidades, de entretenimento, de estilos musicais; essa estratégia ocasiona a abertura para o aluno-cidadão almejado no século XXI, participativo, crítico, atuante e criativo. A rádio escolar, por seus diversos recursos comunicativos, dá aos alunos a imersão a culturas, ritmos e melodias, ampliando suas percepções de mundo, além de expor o aluno a experimentar o desconhecido como forma de respeitar e valorizar as manifestações de coletividade. Assim, a escola deixa de ser uma “salvaguarda dos estereótipos impostos por uma sociedade marcada pela desvalorização do ser” (CAVALCANTI, 2014, p. 80).

A exposição aos gêneros textuais pode acontecer pela criação de corredores temáticos, em que as áreas do saber se complementem e comunicam por meio de imagens, obras, gráficos, anúncios, telas, maquetes, em que a exploração da linguagem seja altamente sugestiva, sensibilizadora, atraente de novos e curiosos olhares. Juntamente com livros de diferentes formatos, cores, letras e gêneros colocados à disposição dos alunos, para que possam folhear suas páginas sem nenhuma pretensão, viajar em suas imagens, vislumbrar diferentes estruturas e cores, enfim, para desafiar e convidar o futuro leitor a contemplar os outros e a si mesmo em suas páginas.

A promoção de *flash mobile* literários, com declamação de poemas, relaciona processos de dramatização, performance, técnicas de oratória, bem como maior engajamento dos estudantes ao escolherem temas e poemas que os representem, para propiciar espaços de intervenção. A leitura de poemas mostra-se uma prática capaz de gerar efeitos múltiplos ao aguçar os sentidos pelo jogo de aproximações criadas e não esperadas, uma vez que

[a] percepção poética é capaz de captar sentidos além daqueles da realidade material, efeito de um modo peculiar de se relacionar com a linguagem e com o mundo. Tal modo de perceber, manifesta-se no poema, texto com abundância de sentidos e imprevisíveis efeitos de linguagem. (CADEMARTORI, 2012, p. 104).

Além disso, promover atividades de socialização de leitura trazem a compreensão, para o professor, de que muitos estudantes são devoradores de livros, dos mais diversos estilos. A troca de experiências de leitura, com compartilhamento de livros, de trechos, de observações, constitui cenário altamente empolgante e sugestivo. Cria também oportunidade de conhecer mais o sujeito humano que buscamos incentivar e transformar nas ações educacionais, pelo simples fato das histórias lidas por eles refletirem sua formação, suas inquietações, suas histórias e ordenar suas vivências. Tal contato pode abrir portas para uma apreensão de

realidades e do texto que nos presentifica. Assim, a conversa espontânea e a partilha de comentários e opiniões geram a percepção de que a pergunta que fundamentalmente importa é o que o leitor sentiu ao ler o texto, visto ser a leitura realização individual, encontros entre autor-texto-leitor-contexto, um universo vasto e a nosso dispor.

Por fim, consolidamos a concepção de que planejar aulas e atividades em que o texto literário fosse lido fisicamente e individualmente, a partir de objetivos e de autores, nos possibilitou alcançar diversos objetivos:

- provocar a imaginação e o despertar para o simbólico;
- apresentar o literário como recurso metafórico e sinestésico com livros como os de Ricardo Filho e Roseana Murray;
- expor os estudantes à subjetivação da existência com as histórias como as dos livros de Elias José;
- estimular o imaginário e a fabulação com, por exemplo, livros de Ana Cristina Massa e Lygia Bojunga;
- provocar reflexões sobre temas atuais e pertinentes para a vida em sociedade com as crônicas de autores como Luís Fernando Veríssimo e os contos de escritores contemporâneos como Rubem Alves, Luiz Vilela e Alciene Ribeiro;
- integrar o grupo, discutir as diferenças com livros como os de Vilmar Berna;
- sensibilizar para a linguagem verbal e não verbal, com histórias elaboradas como as de Eva Furnari;
- provocar o autoconhecimento com poemas de autores instigantes como Ferreira Gullar e Manoel de Barros;
- apresentar nuances da história mundial, com a leitura da Coleção de Clássicos infantis, lendas e mitos.

Em suma, os objetivos e os autores mencionados são meras sugestões de como o texto literário pode ser inserido em sala de aula, a fim de oportunizar vivências sugestivas, pela criação da ambiência da história, da dramatização de seus trechos, da elaboração de fantasias e caracterizações, de socializações e observações das lacunas que nos acomete, de diversas texturas e sabores, enfim, de propiciar aos estudantes múltiplos significados.

CONCLUSÃO

Partimos, na elaboração deste artigo, do pressuposto de que a valorização cultural e artística, estimula a libertação das ações rotineiras e permite a transposição das ações irreflexivas da cultura consumista vigente. Neste sentido, evidenciamos as lacunas e algumas intervenções para que a leitura, o fabular, o narrar, o olhar, passem a fazer parte das ações educacionais de forma desprendida do conteúdo, da fragmentação e do pretexto.

Cabe ao professor, mas também à unidade escolar, em ação conjunta com todas as áreas do saber, romper os espaços estratificados e construir momentos que convidem o estudante a experimentar novas possibilidades, sensações e, assim, encontrar novos caminhos para driblar a condição de telespectador de sua vida.

Acreditamos que com o movimento de se abrir, pela exposição, para o desconhecido, das múltiplas vozes e representatividades que o cercam, encontrando diferentes formas de ler a palavra, o texto, o estudante incorpore ao ato de ler a capacidade de compartilhar, de experimentar modos de conceber a vida e o mundo, pelos saberes veiculados. Para isso, escola e educadores devem ser sensibilizados de que a leitura e seus infinitos modos de ler são instrumentos de aprendizagens que transpõem o currículo, o apostilamento, o conhecimento estanque e pré-definido pelos livros didáticos, indo além, pelos seus múltiplos significados.

Nesse sentido, o estudante deve ser provocado, instigado e desconcertado com práticas que rompam com seus horizontes, com seus conhecimentos prévios, que o convidem a despertar sua curiosidade pela capacidade de o fazer sentir, ser, perceber, comunicar e encontrar-se na e pela linguagem.

O texto literário, neste cenário, oportunizará o choque urgente e necessário com o mundo, para a contínua descoberta do outro, de si e de novas formas de viver, ouvir, olhar e sentir. Assim, formar estas sensibilidades por meio do encontro entre autor-texto-leitor-contexto é possibilitar uma prática pedagógica mais humana e transformadora, pelo respeito ao diferente, ao individual, ao novo.

A criação de um espaço reestruturado em que os alunos possam vivenciar experiências com o texto literário e com a arte é o caminho para estabelecer o prazer de ler, que pelas identidades causadas com o lido, dignifica o indivíduo, impulsionando-o a agir crítica e ativamente.

Desta forma, a vivência em leitura, construída pela atmosfera pungente do contato com a palavra, da exposição com práticas de leitura literária, criará novas ordens pelo simbólico, pelas possibilidades oferecidas na ação de ler e transfigurará o estudante pela capacidade de desdobrar o olhar do individual para o universal. Eis a pluralidade de dizer o indizível da literatura, eis a metáfora da vida e o do homem que constitui o texto literário.

ABSTRACT

This work observes the principles of action research and our theoretical framework follows the approach proposed by Maria da Glória Bordini and Vera Teixeira de Aguiar (1988). Within the scope of the schooling of literature, the planning, literary selection and application of the five methods proposed by Bordini and Aguiar are proficient in promoting reading. We believe, based on the readings of Joana Cavalcanti (2014) and Ligia Cademartori (2012), that, for reading to be perceived as an act of reception, it must figure in addition to projects that include some weekly classes, focusing on themes or content, being, above all, noticed in all school spaces, generators of a symbology that disturbs, humanizes and transforms. This article presents practices that give the literary text the place of protagonist of school action, conceived as an object of deconstruction of reality and a means of apprehending the subject and the world. The literary text, in this scenario, provides an urgent and necessary shock with the world, for the continuous discovery of the other, of oneself and of new ways of living. The creation of a restructured space, in which students can have experiences with the literary text, is the way to establish the pleasure of reading, encouraging them to act critically and actively. The experience with reading, built by the poignant atmosphere of contact with the word, with literary reading practices, creates new orders for the symbolic offered in the action of reading, and transfigures the student by the ability to unfold the look from the individual to the universal.

Keywords: Reading practices, Reader training, School spaces.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Vera Teixeira de. Leituras para o 1º grau: critérios de seleção e sugestões. In: AGUIAR, Vera Teixeira de; ZILBERMAN, Regina (Orgs.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.
- ANDRADE, Mário de. Prefácio interessantíssimo de Pauliceia Desvairada. In: **Poesias completas**. São Paulo: Martins, 1966.
- BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura: a formação do leitor, alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- CADEMARTORI, Ligia. **O professor e a literatura: para pequenos, médios e grandes**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica**. São Paulo: Paulus, 2002.
- CHARTIER, Roger. **Leitura e leitores na França do Antigo Regime**. São Paulo: Unesp 2004.
- LAJOLO, Marisa. **Literatura: ontem, hoje, amanhã**. São Paulo: Unesp, 2018.
- MACHADO, Karina Torres. **Literatura, Escolarização e Práticas de Ensino: a recepção de contos de Luiz Vilela no Ensino Fundamental**. Três Lagoas, 2015, 427fls. (Dissertação de Mestrado – Orientador: Prof Dr. Rauer Ribeiro Rodrigues) – PROFLETRAS/CPTL/UFMS.
- MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. 4. ed. São Paulo: Global, 2016.

MORENO, Heloíza de Souza. **A literatura no centro do ensino da língua materna: superando defasagens e avançando na aprendizagem**. Três Lagoas, 2020, 176 fls. (Dissertação de Mestrado - Orientador: Prof. Dr. Rauer Ribeiro Rodrigues) - PROFLETRAS/CPTL/UFMS.

RODRIGUES, Rauer Ribeiro; MORENO, Heloíza de Souza. A literatura no centro do ensino da língua materna: superando defasagens e avançando na aprendizagem. In: RODRIGUES, Rauer Ribeiro; SANTOS, Rita de Cássia Silva Dionísio; SOUZA, Eunice Prudenciano de. **E agora, José?** Uberlândia, MG: Pangeia, 2019. p. 172-207. [Projeto de Pesquisa]. (Livro disponível em < <https://editorapangeia.com.br/product/e-agora-jose/> >).

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: Difel, 2010.